

10 AGO 1986

Economia

Élon - Brasil

JORNAL DE BRASILIA

Sacrifício geral tem respaldo

Heitor Tepedino

O Brasil está vivendo um momento atípico, fruto de um quadro econômico em que duas facções entraram em disputa: de um lado, as autoridades econômicas convencidas de que fizeram um plano correto, dando-se vantagens na primeira fase e exigindo sacrifícios na segunda etapa, fato mais do que natural para uma Nação em dificuldade. Do outro lado, a facção discordante, que se nega a qualquer sacrifício, tanto do lado empresarial como do assalariado.

O Governo, através do ministro Dilson Funaro, está convencido de que a rota traçada é a correta, o que fica demonstrado com os indicadores apontando para uma queda de quatro por cento no consumo e um pequeno aumento da poupança. Na área alimentar, a carne está atracando nos portos brasileiros, o milho também, o que permite ao Governo antever normalização do mercado em curto prazo.

No entanto, as coisas estão bem mais complexas, com setores importantes aderindo ao que podemos chamar boicote camuflado, que não é pouco. Atualmente existe um estranho movimento nas indústrias automobilísticas, devido a coincidência da data do depósito compulsório com o início das férias coletivas e da falta de componentes para o acabamento dos veículos. Será obra do acaso? Dificilmente. Deve existir algum interesse embutido neste episódio, e, se houver, é lamentável que justamente um setor dominado integral-

mente por multinacionais passe a boicotar o programa do presidente Sarney.

Nesta mesma linha, temos os pecuaristas, indústrias diversas majorando preços via novas embalagens de produtos, vendedores de pneus cobrando a jato. Sem coragem de lançar protestos públicos, esses setores decidiram agir nos bastidores, desrespeitando o apelo e a lei jurando que estão com o Governo e não elevam os seus preços.

Na área dos assalariados, tanto a classe média-alta como a rica não se conformam com o compulsório, rebelam-se contra qualquer cota de sacrifício, sob o argumento de que já colaboraram mais do que podiam e nunca viram qualquer resultado. Os sindicatos, por outro lado, preparam-se para enfrentar o Governo discordando do expurgo do compulsório dos índices da inflação.

Como sair deste impasse? O Governo está preparando novas medidas, inclusive de tributação na área de mercado de capitais, em um esforço dramático para superar esta fase difícil. Contudo, outras decisões impopulares terão de ser adotadas, porque esta é a única fórmula de se tirar o País da crise econômica que vivemos há quatro anos.

A melhor técnica seria dizer à população e ao empresariado que ainda vivemos essas dificuldades, como dívida externa pesada, dívida pública interna incômoda, um sistema financeiro em readaptação ao novo quadro, as indústrias reavaliando os

seus custos fixos, enfim, não há como deixar de exigir uma cota de sacrifício a todos os que produzem riquezas a um nível maior, livrando-se, naturalmente, os pequenos assalariados.

Entretanto, neste momento ninguém quer dar qualquer contribuição, seja assalariado ou empresário. As reclamações vêm de todos os lados, bastando que a medida tenha batido naquele endereço. Assim sendo, a população brasileira precisa ser preparada para enfrentar tempestades e saber viver em tempos de fartura sem esbanjar.

Assim sendo, verifica-se que o Governo tem razão de buscar receita, porque sem isto não consegue implementar o crescimento econômico. A classe média também tem razão, porque sempre é "convidada" a dividir a conta de uisque, embora tenha bebido cachaça. Os sindicatos também podem ser entendidos, porque após anos de achatamento salarial, foram aliviados pelo presidente Sarney e temem perda real devido o expurgo do compulsório do índice de inflação.

Dentro deste panorama, não é difícil chegar-se a uma conclusão: o anúncio do Plano Cruzado em fevereiro foi sucesso absoluto porque abrangeu a tudo e a todos, achatando preços, salários, etc., mas como ninguém ficou de fora, foi bem aceito. Já o pacote do compulsório, visou algumas classes, o que significa que para o Governo, é bem melhor baixar atos com efeitos generalizados do que visando alguns setores.